EXPOSITOR (BÍBLIA INGLESA)

Comentário de Ellicott para leitores em inglês

(6) **Estar na forma de Deus.** - (1) A palavra "ser" é aqui a mais enfática das duas palavras assim traduzidas, que enfatizam a realidade da existência (como Atos 16:20 ; Atos 17:28 ; 1Coríntios 11: 7 ; Gálatas 2: 14) Por isso, chama a atenção para o ser essencial de Cristo, correspondendo à idéia incorporada no nome Jeová e

incorporada no nome Jeová e, assim, implicando o que é mais completamente expresso em João 1: 1 . (2) A palavra "forma" (que, exceto para uso casual em Marcos 16:12 , é encontrada apenas nesta passagem do Novo Testamento) deve ser cuidadosamente distinguida de "moda". Não há dúvida de que em o grego clássico descreve o caráter específico real, que (como a estrutura de uma substância material) torna cada um o que é; e essa mesma idéia é sempre transmitida no Novo Testamento pelas palavras compostas nas quais a raiz “forma” é encontrada (Romanos

8:29 ; Romanos 12: 2 ; 2Coríntios 3:18 ; Gálatas 4:19). (3) Por outro lado, a palavra “moda”, como em 1 Coríntios 7:31 (“a moda deste mundo passa”), denota a mera aparência externa (que freqüentemente designamos como “forma”), como será pode ser visto também em seus compostos (2 Coríntios 11: 13-14 ; 1 Pedro 1:14). As duas palavras são vistas em justaposição em Romanos 12: 2 ; Filipenses 3:21 (ver notas). Portanto, nesta passagem, o "ser na forma de Deus" descreve a essência essencial e, portanto, eterna de

nosso Senhor, na verdadeira natureza de Deus; enquanto o "assumir a forma de um servo" se refere de maneira semelhante à suposição voluntária da verdadeira natureza do homem.

Deve-se notar que, enquanto nas epístolas anteriores de São Paulo, nas quais ele se importava em "não saber nada, exceto Jesus Cristo" e "Ele como crucificado", a idéia principal é sempre de nosso Senhor como mediador entre o homem e Deus , ainda nas Epístolas posteriores (como aqui, e em Efésios 1:10 ; Efésios 1: 20-23 ;

Efésios 1:10 ; Efésios 1: 20-23 ;
Colossenses 1: 15-19 ;
Colossenses 2: 9-11 ; às quais podemos adicionar Hebreus 1: 2-4) às vezes é imposto estresse (como em Efésios 1:10), ao reunir todas as coisas no céu e na terra; algumas vezes, ainda mais explicitamente, ao participar da natureza divina e (como em Colossenses 1:17) por possuir o atributo divino da criação. Tudo isso naturalmente leva à grande declaração de Sua verdadeira e perfeita divindade em João 1: 1-13 .

Pensou que não era roubo ser igual a Deus. - Existem duas

interpretações principais desta passagem; primeiro, a interpretação dada em nossa versão, que a torna simplesmente uma explicação e aplicação das palavras “estar na forma de Deus”; em segundo lugar, a tradução *achou que não era um prêmio ser igual a Deus,* que começa nela a declaração da auto-humilhação voluntária de nosso Senhor, a ser completada com as palavras “mas se esvaziou da glória”. preserva a tradução literal da palavra original "assalto"; este último, de acordo com um uso não incomum, o torna

equivalente a "coisa roubada" e, se isso for permitido, tem exemplos abundantes em outros escritos para apoiar o significado assim dado a toda a frase. Qualquer interpretação produz bom senso e sã doutrina; nem a violência para o contexto geral. Mas o último deve ser preferido; primeiro (1) porque combina melhor com a idéia da passagem, que é enfatizar a realidade da humildade de nosso Senhor, e preserva a oposição implícita no "mas" a seguir; (2) porque tem a grande preponderância dos intérpretes gregos antigos a seu favor; (3) porque pode, em

favor, (3) porque pode, em geral, apelar com mais confiança ao uso comum da frase. O sentido é que, estando na forma de Deus e, portanto, tendo igualdade com Deus, Ele não reservou essa igualdade, como uma glória para Si mesmo, em comparação com o poder de dar salvação a todos os homens, o que Ele tem o prazer de considerar uma nova alegria e glória.

Comentário conciso de Matthew Henry

2: 5-11 O exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo é apresentado diante de nós

apresentado diante de nós. Devemos parecer com ele em sua vida, se quisermos ter o benefício de sua morte. Observe as duas naturezas de Cristo; sua natureza divina e natureza humana. Quem estando na forma de Deus, participando da natureza divina, como o eterno e unigênito Filho de Deus, Jo 1: 1, não tinha achado um assalto ser igual a Deus e receber adoração divina dos homens. Sua natureza humana; aqui ele se tornou como nós em todas as coisas, exceto no pecado. Tão baixo, por sua própria vontade, ele se curvou da glória que tinha com o Pai antes que o mundo

existisse. Os dois estados de Cristo, de humilhação e exaltação, são notados. Cristo não apenas tomou sobre si a semelhança e a moda, ou a forma de um homem, mas de um em estado de baixa; não aparecendo em esplendor. Toda a sua vida foi de pobreza e sofrimento. Mas o passo mais baixo foi a morte da cruz, a morte de um malfeitor e um escravo; exposto ao ódio público e desprezo. A exaltação era da natureza humana de Cristo, em união com o Divino. Em nome de Jesus, não o mero som da palavra, mas a autoridade de

Jesus, todos devem prestar uma homenagem solene. É para a glória de Deus Pai, confessar que Jesus Cristo é o Senhor; pois é sua vontade que todos os homens honrem o Filho como honram o Pai, Jo 5:23. Aqui vemos motivos para o amor abnegado que nada mais pode suprir. Assim, amamos e obedecemos ao Filho de Deus?

Notas de Barnes sobre a Bíblia

Quem, estando na forma de Deus - Quase não há nenhuma passagem no Novo Testamento que tenha suscitado mais

discussões do que isso. A importância da passagem sobre a questão da divindade do Salvador será percebida de uma só vez, e grande parte do apelo do apóstolo depende, como será visto, do fato de Paulo considerar o Redentor igual. Com Deus. Se ele era verdadeiramente divino, seu consentimento em se tornar um homem era o mais notável de todos os atos possíveis de humilhação. A palavra "forma" traduzida - μορφή morphē - ocorre apenas em três lugares no Novo Testamento, e em cada lugar é traduzida como "forma".

Marcos 16:12 ; Filipenses 2: 6-7 . Em Marcos, é aplicado à forma que Jesus assumiu após sua ressurreição e na qual ele apareceu a dois de seus discípulos a caminho de Emaús. "Depois disso, ele apareceu de outra forma em dois deles." Essa "forma" era tão diferente de sua aparência habitual, que eles não o conheciam. A palavra significa propriamente, forma, forma, forma corporal, especialmente uma forma bonita, uma aparência corporal bonita - Passow. Em Filipenses 2: 7 , é aplicado à aparência de um servo - e assumiu a forma de um

servo;" isto é, ele estava na condição de servo - ou na condição mais baixa. A palavra" forma " é frequentemente aplicada aos deuses pelos escritores clássicos, denotando seu aspecto ou aparência quando se tornam visíveis para as pessoas; ver Cic. de Nat. Deor. ii. 2; Ovídio, Meta. i. 37; Silius, xiii. 643; Xeno Memora. Iv; Aeneid, iv. 556 e outros lugares citados por Wetstein, no local. Hesychius explica isso por ἰδέα εἶδος idea eidos. A palavra ocorre frequentemente na Septuaginta:

(1) como a tradução da palavra -

-'' - Ziv - "esplendor", Daniel 4:33 ; Daniel 5: 6 , Daniel 5: 9-10 ; Daniel 7:28 ;

(2) como a tradução da palavra tabniyth, estrutura, modelo, padrão - como na construção, Isaías 44:13 ;

(3) como a tradução de תמונה temuwnah, aparência, forma, forma, imagem, semelhança, Jó 4:16 ; ver também Sabedoria Jó 18: 1 .

A palavra pode ter aqui apenas um ou dois significados:

(1) esplendor, majestade, glória -

referindo-se à honra que o Redentor possuía, seu poder de realizar milagres etc. - ou.

(2) natureza ou essência - significando o mesmo que φύσις phusis, "natureza" ou ουσία ousia, "ser".

A primeira é a opinião adotada por Crellius, Grotius e outros, e substancialmente por Calvino. Calvino diz: "A forma de Deus aqui denota majestade. Pois, como um homem é conhecido pela aparência de sua forma, a majestade que brilha em Deus é sua figura. Ou, para usar uma semelhança mais apropriada, a

forma de um rei. consiste nas marcas externas que indicam um rei - como seu cetro, diadema, cota de malha, atendentes, trono e outras insígnias da realeza; a forma de um conselheiro é a toga, cadeira de marfim, lictores presentes etc. o fundamento do mundo estava na forma de Deus, porque ele tinha glória com o Pai antes que o mundo existisse; João 17: 5. Porque, na sabedoria de Deus, antes de colocar em nossa natureza, não havia nada humilde ou abjeto, mas houve magnificência digna de Deus ". Comentário in loc. A segunda

opinião é que a palavra é equivalente à natureza, ou ser; isto é, ele era da natureza de Deus, ou seu modo de existência era o de Deus, ou era divino. Esse é o parecer adotado por Schleusner (Lexicon); Stuart (Cartas ao Dr. Channing, p. 40); Doddridge, e pelos expositores ortodoxos em geral, e me parece ser a interpretação correta. Em apoio a essa interpretação, e em oposição ao que a refere ao seu poder de realizar milagres ou a sua aparência divina quando estiver na Terra, podemos adotar as seguintes considerações:

(1) A "forma" aqui mencionada deve ter sido alguma coisa antes de ele se tornar homem, ou antes de assumir a forma de servo. Era algo do qual ele se humilhou, tornando-se "sem reputação"; assumindo "a forma de um servo"; e sendo feito "à semelhança dos homens". Claro, deve ter sido algo que existia quando ele não tinha a semelhança de pessoas; isto é, antes de se tornar encarnado. Ele deve, portanto, ter existido antes de aparecer na terra como homem, e nesse estado anterior de existência, deve ter havido algo que tornou apropriado

dizer que ele estava "na forma de Deus".

(2) que não se refere a nenhuma qualidade moral, ou ao seu poder de fazer milagres na terra, é evidente pelo fato de que essas não foram deixadas de lado. Quando ele se despojou deles para se humilhar? Havia algo que ele possuía que tornava apropriado dizer que ele estava "na forma de Deus", que ele deixou de lado quando apareceu na forma de um servo e à semelhança de seres humanos. Mas certamente não poderiam ter sido suas

qualidades morais, nem existe um sentido concebível em que se possa dizer que ele se despojou do poder de realizar milagres para poder assumir a "forma de servo". Todos os milagres que ele fez foram realizados quando ele sustentou a forma de um servo, em sua condição humilde e humilde. Essas considerações garantem que o apóstolo se refira a um período anterior à encarnação. Pode ser adicionado:

(3) que a frase "forma de Deus" é aquela que naturalmente transmite a idéia de que ele era Deus. Quando se diz que ele

estava "na forma de um servo", a idéia é que ele estava realmente em uma condição humilde e deprimida, e não apenas o que parecia estar. Ainda pode ser perguntado, qual era a "forma" que ele tinha antes de sua encarnação? O que se entende por ele estar então "na forma de Deus?" Para essas perguntas, talvez nenhuma resposta satisfatória possa ser dada. Ele próprio fala João 17: 5 da "glória que ele tinha com o Pai antes que o mundo existisse"; e a linguagem naturalmente transmite a idéia de que havia então uma

manifestação da natureza divina através dele, que em certa medida cessou quando ele se encarnou; que havia algum esplendor e majestade visíveis que foram deixados de lado. Que manifestação de sua glória que Deus pode fazer no mundo celestial, é claro, agora não podemos entender completamente. Nada nos proíbe, no entanto, de supor que exista alguma manifestação visível; algum esplendor e magnificência de Deus na visão dos seres angélicos que se torna o Grande Soberano do universo - pois ele "habita na luz que

nenhum mapa pode se aproximar"; 1 Timóteo 6:16 . Aquela glória, manifestação visível ou esplendor, indicando a natureza de Deus, é aqui dito que o Senhor Jesus possuía antes de sua encarnação.

Achei que não era roubo ser igual a Deus - Esta passagem também deu ocasião a muita discussão. Stuart afirma: "não considerava sua igualdade com Deus um objeto de desejo solícito"; isto é, embora ele fosse de natureza ou condição divina, não procurou ansiosamente manter sua igualdade com Deus, mas assumiu uma

condição humilde - mesmo a de um servo. Cartas para Channing, pp. 88-92. Que esta é a renderização correta da passagem é aparente das seguintes considerações:

(1) Concorda com o escopo e o design do raciocínio do apóstolo. Seu objetivo não é mostrar, como parece nossa tradução comum, que ele aspirava ser igual a Deus, ou que não o considerava uma invasão imprópria das prerrogativas de Deus para ser igual a ele, mas que ele não o considerava, nas circunstâncias

do caso, como um objeto a muito desejado ou procurado ansiosamente manter sua igualdade com Deus. Em vez de reter isso por um esforço sincero ou por um aperto que ele não estava disposto a renunciar, ele escolheu renunciar à dignidade e assumir a humilde condição de um homem.

(2) concorda melhor com o grego do que com a versão comum. A palavra traduzida como "assalto" - ἁρπαγμος harpagmos - não é encontrada em nenhum outro lugar do Novo Testamento, embora o

verbo do qual ela deriva ocorra com freqüência; Mateus 11:12 ; Mateus 13:19 ; João 6:15 ; João 10:12 , João 10: 28-29 ; Atos 8:29 ; Atos 23:10 ; 2 Coríntios 12: 2 , 2 Coríntios 12: 4 ; 1 Tessalonicenses 4:17 ; Jde 1:23; Apocalipse 12: 5 . A noção de violência, ou apreensão ou empolgação, entra no significado da palavra em todos esses lugares. A palavra usada aqui não significa propriamente um ato de roubo, mas a coisa roubada - a pilhagem - das Rauben (Passow) e, portanto, algo a ser apreendido e apropriado com avidez.

Schleusner; comparar Storr, Opuscul. Acade. Eu. 322, 323. De acordo com isso, o significado da palavra aqui é algo a ser apreendido e avidamente procurado, e o sentido é que o fato de ele ser igual a Deus não era algo a ser retido com ansiedade. A frase "pensava que não" significa "não considerou"; não foi considerado um assunto de tanta importância que não pudesse ser dispensado. O sentido é que "ele não se apoderou e se apegou tenazmente" como alguém que toma presas ou despojos. Rosenmuller, Schleusner,

Bloomfield, Stuart e outros entendem isso.

contínuo...

Comentário da Bíblia de Jamieson-Fausset-Brown

6. Traduza: "Quem subsiste (ou existe, a saber, originalmente: o grego não é o verbo substantivo simples, 'ser') na forma de Deus (a essência divina não se destina: mas as características externas manifestas de si mesmo"). Deus, a forma que brilha de Sua essência gloriosa.) A natureza divina possuía BELEZA infinita em si mesma,

mesmo sem nenhuma criatura contemplando essa beleza: essa beleza era 'a forma de Deus'; como 'a forma de um servo' (Php 2 : 7), que contrasta com isso, dá como certa a existência de Sua natureza humana, de modo que "a forma de Deus" dá como certa Sua natureza divina [Bengel]. Compare Jo 5:37; 17: 5; Col. 1:15, 'Quem é a IMAGEM do Deus invisível' antes de 'toda criatura', 2Co 4: 4, estimado (o mesmo verbo grego de Php 2: 3) por estar em igualdade com Deus não (ato de) roubo "ou auto-arrogação; reivindicando para si mesmo o que não lhe pertence. Ellicott, Wahl e outros

pertence. Ellicott, Wahl e outros traduziram: "Uma coisa a ser compreendida", o que exigiria que o grego fosse harpagma, enquanto harpagmos significa o ato de apreender. Então harpagmos significa na única outra passagem em que ocorre, Plutarco [On the Education of Children, 120]. A mesma objeção insuperável está na tradução de Alford: "Ele não considerava o auto-enriquecimento (isto é, uma oportunidade de auto-exaltação) Sua igualdade com Deus". Seu argumento é que a antítese (Filipenses 2: 7) exige: "Ele usou sua igualdade com Deus como uma oportunidade,

não para auto-exaltação, mas para auto-humilhação ou esvaziamento de si mesmo". Mas a antítese não está entre o fato de Ele estar em igualdade com Deus e o Seu esvaziamento; pois Ele nunca se esvaziou da plenitude de sua divindade, ou de seu "estar em igualdade com Deus"; mas entre o fato de Ele estar "na FORMA (isto é, a manifestação gloriosa externa de Deus)", e o fato de "tomar sobre si a forma de servo", pelo qual Ele em grande parte se esvaziou da forma precedente ", "ou glória externa manifestada como Deus. Não "olhando para

as suas próprias coisas" (Filipenses 2: 4), embora existisse na forma de Deus, não considerava um assalto estar em igualdade com Deus, mas não tinha reputação. "Estar em igualdade com Deus, não é idêntico a subsistir na forma de Deus"; o último expressa as características externas, majestade e beleza da Deidade, da qual "Ele se esvaziou", para assumir "a forma de um servo"; o primeiro, "Seu ser", ou NATUREZA, seu ESTADO DE IGUALDADE já existente com Deus, tanto o Pai como o Filho tendo a mesma ESSÊNCIA. Um

vislumbre Dele "na forma de Deus", anterior à Sua encarnação, foi dado a Moisés (Êx 24:10, 11), Arão, etc.

Comentários de Matthew Poole

Quem, isto é , relativo a Cristo Jesus, o eterno Filho de Deus por natureza, muito Deus existente com seu Pai antes do início, **João 1: 1 Gálatas 4: 4 1 Timóteo 3:16 6: 14-16 Tito 2:13** ; a imagem e o caráter expressos da pessoa de seu pai, o que implica uma subsistência peculiar distinta da subsistência de seu pai, **João 8:42 2 Coríntios**

4: 4 Colossenses 1:15 Hebreus 1: 3 ; a respeito de quem, toda palavra que se segue, em razão dos socinianos e de alguns luteranos, deve ser bem ponderada.

Ser; isto é, subsistir, em oposição a tomar ou assumir, **Filipenses 2: 7** ; e, portanto, prova firmemente que Cristo é preexistente de outra natureza, ou seja, sua existência real na mesma essência e glória que ele teve desde a eternidade com o Pai, **João 1: 1 , 2 17: 5 2 Coríntios 8 : 9 Apocalipse 1: 4 , 8,11** .

Na forma de Deus; entender

Na forma de Deus, entender quais claramente:

1. A palavra

forma, embora às vezes possa notar um pouco exteriormente, e assim inferir a glória dos milagres de Cristo, ainda assim não a encontramos em lugares tão usados nas Escrituras: é verdade que já foi usada lá para o rosto externo, **Marcos 16:12** , que tinha esplendor e beleza excelentes, dando ocasião para conceber majestade na pessoa, **Mateus 27: 2 2 Pedro 1:16** (no entanto, suas vestes resplandecentes não podiam ser consideradas *a forma de Deus*),

sendo, no entanto, Lucas diz, **Lucas 24 : 16** , os olhos das pessoas que viram estavam retidos, que por um tempo eles não puderam reconhecê-lo, argumenta que a aparência de que Marcos fala notou apenas uma forma acidental.

2. Considerando que

sendo ou subsistindo Paulo fala aqui, respeita (o que os melhores filósofos em sua maneira mais usual de falar fazem) a forma essencial, com a glória dela, uma vez que os verbos, em outras escrituras da mesma origem, significam algo

interior e não conspícuo, **Romanos 12: 2 2 Coríntios 3:18 Gálatas 4:19** ; especialmente quando há uma razão convincente para isso aqui, considerando *a forma de Deus,* em oposição à *forma de um servo* depois, e em conjunto com a igualdade com Deus, que implica a mesma essência e natureza, **Isaías 40:25 46: 5** sendo impossível que haja qualquer proporção ou igualdade entre infinito e finito, eterno e temporal, incriado e criado, por natureza Deus e por natureza não Deus, **Gálatas 4: 4 , 8** , para os quais o único Deus

vivo e verdadeiro não permita que sua glória seja dada. De fato, ele também não pode *negar a si mesmo* quem é *um,* e além de quem não existe outro Deus verdadeiro, ou Deus por natureza, **Deu 4:35 6: 4 2 Timóteo 2:13** ; *quem só faz coisas maravilhosas,* Salmo 72:18 : pois para todas as operações divinas é necessário um poder divino, que é inseparável da essência mais simples e de suas propriedades.

Sendo, ou subsistindo,

na forma de Deus, não importa a aparência de Cristo ao exercer o poder de Deus, mas a sua

o poder de Deus, mas a sua existência real e real na essência divina, não em acidentes, em que nada subsiste: nem os vulgares nem os eruditos costumam dizer que alguém subsiste, mas aparece, em um hábito externo; por que, então, alguém deveria conceber o apóstolo assim? Os gentios podem falar de seus deuses aparecendo; mas então, até eles pensaram que a Deidade era uma coisa, e o hábito ou figura sob a qual, ou na qual, parecia **haver** outros **Atos 14:11** : de modo que *subsistir na forma* intimamente à natureza e essência de Deus, não apenas ,

mas como ele foi vestido com propriedades e glória. Pois o apóstolo aqui trata da condescendência de Cristo, procedendo de sua existência real, como o termo em que ele é co-eterno e co-igual a Deus Pai, antes de se acalmar com respeito a nós. Pois ele diz que não a forma de Deus estava em Cristo (por mais que seja verdade), que os adversários talvez não tivessem ocasião de dizer apenas que havia algo em Cristo semelhante a Deus; mas ele fala daquilo em que Cristo estava, viz. *na forma de Deus,* e assim essa forma é predicada

por Deus, como sua essência e natureza, e não pode ser outra coisa. Ninguém pode racionalmente imaginar que Deus era uma figura externa, na qual Cristo estava subsistindo. Pois subsistência implica alguma peculiaridade relativa à substância de uma determinada coisa, de onde podemos concluir que o Filho é da mesma substância (e não apenas de igual) do Pai, considerando o que se segue significativamente. Ele

pensou que não, estimado, contado, mantido (de modo que a palavra é usada, Filipenses 2:

3 3: 7,8 1 Tessalonicenses 5:13 2 Tessalonicenses 3:15 1 Timóteo 1:12 1 Timóteo 6: 1 Hebreus 10:29 **11 : 26**), não

roubo, sendo seu direito por geração eterna; isto é, ele não julgou nenhum erro ou usurpação, por ter *sido na forma de Deus,* igual a seu Pai, sendo subsistente na mesma natureza e essência com ele. De mostrar abertamente a mesma majestade a quem ele não se absteve por um tempo, na medida em que poderia considerar esse roubo, como se tal majestade fosse aquela que não concordava com sua

não concordava com sua natureza, pressupondo sempre esse direito inerente, a sua grande condescendência ou humilhação. ele mesmo, que segue como o termo para o qual: ou, ele resolveu por um tempo não se mostrar naquela glória que era seu próprio direito, mas livremente condescendente ao véu dela. Ele realmente não renunciou (nem era possível que ele devesse) qualquer coisa de sua glória Divina, sendo o Filho de Deus ainda, sem qualquer assalto ou rapina, igual ao Pai em poder e glória, João 10:33 1Jo 5: 7 **20** .

Achei que não era roubo; Paulo não diz (como os arianos da antiguidade perverteriam seu senso), ele não roubou, nem roubou, não mantinha uma rápida igualdade com Deus; ou, (como os socinianos desde então), Cristo pensou em não fazer esse assalto a Deus, ou cometer esse estupro sobre Deus, para que ele fosse igual a ele, mas reconheceu que tinha o dom gratuito de Deus, cortando a partícula adversa, *mas* onde realmente não é: enquanto não lemos no texto sagrado, ele *pensou em não fazer esse assalto,* mas *achou que não* era igual a Deus; quais dois são muito

Deus, quais dois são muito diferentes, tanto quanto ter a divindade por usurpação e tê-la por natureza. No primeiro caso, Cristo não roubou ou arrebatou a igualdade; no segundo, a igualdade que Cristo tinha com Deus, ele não considerou roubo; ele não tinha a reputação do império que ele sempre poderia ter continuado no exercício de, igual ao Pai, como algo usurpado ou tomado pela força (como alguém que afirma ter sido despojado, demonstrando isso). Pois quando ele disse que havia subsistido na forma de Deus, ele poderia (antes de condescender) também era

igual a Deus, ou seja, o Pai, sem qualquer assalto, rapina ou usurpação. E se Socinus insistir que é absurdo e falso, em qualquer sentido, dizer que Deus pensou que ele havia roubado ou roubado a essência Divina; então, esse contraditório, Deus pensou que ele não tomou por roubo a essência divina, é racional e verdadeiro; como quando é dito, Deus não pode mentir, ou Deus não muda, como **1 Samuel 15:29 Isaías 55: 8 Malaquias 3: 6** . O que as coisas são negadas por Deus, não implica que os opostos sejam afirmados por

ele. A partícula *mas,* que segue em seu devido lugar antes *não se tornou reputação,* pode estar bastante unida a esse sentido. Pois, se Cristo soubesse que, por rapina e usurpação injusta, ele era igual a Deus (como provavelmente a tentativa de ser assim foi o pecado de nossos primeiros pais, cujo roubo deles Cristo expiou), ele não se esvaziou, nem garantido a se apoiar.

Ser igual a Deus; nem se diz que Cristo é igual a Deus somente em relação às suas obras (que ainda argumentam a mesma causa e princípio, João

5:19 , 21,23,26,27 10:37), mas absolutamente, ele pensou que não era roubo ser totalmente igual a Deus, como subsistindo na mesma natureza e essência, a frase original conotando uma paridade exata. Todas as coisas de Cristo (embora ele tenha escolhido ocultar algumas delas por um tempo) são iguais a Deus; assim, alguns expõem enfaticamente o plural neutro (como de costume entre os gregos), para responder ao singular masculino precedente, para expressar a identidade inefável da natureza e essência dos subsistentes divinos. Pode-

se ler: Ele não considerou um assalto que as coisas próprias fossem iguais a Deus, ou seja, o Pai; ou melhor, que ele próprio seja em todas as coisas igual ou semelhante a Deus. Pois, se Cristo tinha sido apenas igual por um poder delegado de Deus, por que os judeus deveriam ter consultado para matá-lo,por se fazer igual a Deus? Que com eles era um só para se tornar Deus,**João 5:18 10:33** . Mas que ele falou de sua geração eterna, como dono de seu próprio Pai, com quem realizou milagres, assim como o Pai fez em seu próprio nome,

por seu próprio poder, de si mesmo, para sua própria glória. o evangelista está dizendo: *O Filho não pode fazer nada de si mesmo,* João 5:19, inferir uma desigualdade com o Pai, quando o que ele faz é igualmente perfeito em poder e glória com o Pai, de onde, como filho, ele o tem por natureza. Pois (olhando para baixo), embora todo filho receba de seu pai a natureza humana, ele não é menos homem que seu pai, ou seu pai mais homem que ele; o filho tendo um ser da mesma perfeição que é naturalmente em ambos. Contudo, pode-se dizer que o Pai, a quem Cristo

dizer que o Pai, a quem Cristo está subordinado como Filho, e no cargo um servo, realizando a obra de mediação, é maior que o Filho, que só pode ser entendido com relação à ordem de seu trabalho, se compararmos textos, **João 14:28 16: 13-15**. Tampouco, quando Cristo considerou que não era roubo ser igual a Deus, é dito (como os adversários insistem) que é igual a si mesmo, mas a outra pessoa, viz. Deus Pai. As coisas podem ser iguais, tão diversas, que ainda assim podem ser uma em algum respeito comum em que concordam; portanto, quando

se diz que Cristo é igual ao Pai, ele se distingue dele pessoalmente e de subsistência, mas não em essência, em que é devido a ele ser igual a ele e, portanto, um.

Exposição de Gill de toda a Bíblia

Que estando na forma de Deus, ... O Pai; sendo o brilho de sua glória e a imagem expressa de sua pessoa. Esta forma deve ser entendida, não de qualquer forma ou figura dele; pois, como tal, não pode ser visto, não deve ser dele; ou qualquer forma acidental, pois não há acidentes

em Deus, o que quer que esteja em Deus, é Deus; ele nada mais é do que natureza e essência, ele é o Jeová, eu sou o que sou; e assim é o seu Filho, que é, e foi, e virá, a fonte de todos os seres criados, nem pretende nenhuma representação externa e semelhança com ele, como nos reis; quem, por causa da honra e dignidade a que são suscitados, a autoridade e o poder que têm, e por causa da glória e majestade com que são dispostos, são chamados deuses: nem designa o estado e a condição em que Cristo apareceu aqui na terra ,ter

poder para realizar milagres, curar doenças e despojar demônios, para a manifestação de sua glória; e assim se pode dizer que está na forma de Deus, como se diz que Moisés, por fazer menos milagres, é um Deus para Faraó; já que esse relato não considera Cristo; como ele estava na terra na natureza humana, mas o que ele era antecedente à suposição disso; ou, de outro modo, sua humildade e condescendência em se tornar homem, e tão mesquinha, não aparecerão: mas esta frase, "a forma de Deus", deve ser entendida da

natureza e essência de Deus, e descreve Cristo como ele era por toda a eternidade. ; assim como a forma de um servo significa que ele era realmente um servo, e a moda de um homem em que foi encontrado significa que ele era verdadeira e realmente homem; então, seu ser na forma de Deus pretende que ele fosse realmente e verdadeiramente Deus;que ele participou da mesma natureza com o Pai e possuía a mesma glória: de onde parece que ele existia antes de sua encarnação; que ele existia como uma pessoa distinta de Deus, seu Pai, em

cuja forma ele era, e que como uma pessoa divina, ou como verdadeiramente Deus, estando na forma gloriosa, natureza e essência de Deus; e que existe apenas uma forma de Deus, ou natureza e essência divinas, comum ao Pai e ao Filho, e também ao Espírito; de modo que eles não são três deuses, mas um Deus: qual é a forma de Deus, os próprios pagãos (g) dizem que não podem ser compreendidos nem vistos e, portanto, não devem ser investigados; e eles usam a mesma palavra que o apóstolo faz aqui (h): e agora Cristo estando nesta forma gloriosa,

estando nesta forma gloriosa,
ou tendo a mesma natureza divina com o Pai, com todas as glórias infinitas e indizíveis dele,e possuía a mesma glória: de onde parece que ele existia antes de sua encarnação; que ele existia como uma pessoa distinta de Deus, seu Pai, em cuja forma ele era, e que como uma pessoa divina, ou como verdadeiramente Deus, estando na forma gloriosa, natureza e essência de Deus; e que existe apenas uma forma de Deus, ou natureza e essência divinas, comum ao Pai e ao Filho, e também ao Espírito; de modo que eles não são três deuses,

mas um Deus: qual é a forma de Deus, os próprios pagãos (g) dizem que não podem ser compreendidos nem vistos e, portanto, não devem ser investigados; e eles usam a mesma palavra que o apóstolo faz aqui (h): e agora Cristo estando nesta forma gloriosa, ou tendo a mesma natureza divina com o Pai, com todas as glórias infinitas e indizíveis dele,e possuía a mesma glória: de onde parece que ele existia antes de sua encarnação; que ele existia como uma pessoa distinta de Deus, seu Pai, em cuja forma ele era, e que como

uma pessoa divina, ou como verdadeiramente Deus, estando na forma gloriosa, natureza e essência de Deus; e que existe apenas uma forma de Deus, ou natureza e essência divinas, comum ao Pai e ao Filho, e também ao Espírito; de modo que eles não são três deuses, mas um Deus: qual é a forma de Deus, os próprios pagãos (g) dizem que não podem ser compreendidos nem vistos e, portanto, não devem ser investigados; e eles usam a mesma palavra que o apóstolo faz aqui (h): e agora Cristo estando nesta forma gloriosa,

ou tendo a mesma natureza divina com o Pai, com todas as glórias infinitas e indizíveis dele,que ele existia antes de sua encarnação; que ele existia como uma pessoa distinta de Deus, seu Pai, em cuja forma ele era, e que como uma pessoa divina, ou como verdadeiramente Deus, estando na forma gloriosa, natureza e essência de Deus; e que existe apenas uma forma de Deus, ou natureza e essência divinas, comum ao Pai e ao Filho, e também ao Espírito; de modo que eles não são três deuses, mas um Deus: qual é a forma de Deus, os próprios pagãos (g)

Deus, os próprios pagãos (g) dizem que não podem ser compreendidos nem vistos e, portanto, não devem ser investigados; e eles usam a mesma palavra que o apóstolo faz aqui (h): e agora Cristo estando nesta forma gloriosa, ou tendo a mesma natureza divina com o Pai, com todas as glórias infinitas e indizíveis dele,que ele existia antes de sua encarnação; que ele existia como uma pessoa distinta de Deus, seu Pai, em cuja forma ele era, e que como uma pessoa divina, ou como verdadeiramente Deus, estando na forma gloriosa, natureza e

essência de Deus; e que existe apenas uma forma de Deus, ou natureza e essência divinas, comum ao Pai e ao Filho, e também ao Espírito; de modo que eles não são três deuses, mas um Deus: qual é a forma de Deus, os próprios pagãos (g) dizem que não podem ser compreendidos nem vistos e, portanto, não devem ser investigados; e eles usam a mesma palavra que o apóstolo faz aqui (h): e agora Cristo estando nesta forma gloriosa, ou tendo a mesma natureza divina com o Pai, com todas as glórias infinitas e indizíveis

dele,ou como verdadeiramente Deus, estando na forma gloriosa, natureza e essência de Deus; e que existe apenas uma forma de Deus, ou natureza e essência divinas, comum ao Pai e ao Filho, e também ao Espírito; de modo que eles não são três deuses, mas um Deus: qual é a forma de Deus, os próprios pagãos (g) dizem que não podem ser compreendidos nem vistos e, portanto, não devem ser investigados; e eles usam a mesma palavra que o apóstolo faz aqui (h): e agora Cristo estando nesta forma gloriosa, ou tendo a mesma natureza

divina com o Pai, com todas as glórias infinitas e indizíveis dele,ou como verdadeiramente Deus, estando na forma gloriosa, natureza e essência de Deus; e que existe apenas uma forma de Deus, ou natureza e essência divinas, comum ao Pai e ao Filho, e também ao Espírito; de modo que eles não são três deuses, mas um Deus: qual é a forma de Deus, os próprios pagãos (g) dizem que não podem ser compreendidos nem vistos e, portanto, não devem ser investigados; e eles usam a mesma palavra que o apóstolo faz aqui (h): e agora Cristo estando nesta forma gloriosa

estando nesta forma gloriosa,
ou tendo a mesma natureza
divina com o Pai, com todas as
glórias infinitas e indizíveis
dele,os próprios pagãos (g)
dizem que não podem ser
compreendidos nem vistos e,
portanto, não devem ser
investigados; e eles usam a
mesma palavra que o apóstolo
faz aqui (h): e agora Cristo
estando nesta forma gloriosa,
ou tendo a mesma natureza
divina com o Pai, com todas as
glórias infinitas e indizíveis
dele,os próprios pagãos (g)
dizem que não podem ser
compreendidos nem vistos e,
portanto, não devem ser

investigados; e eles usam a mesma palavra que o apóstolo faz aqui (h): e agora Cristo estando nesta forma gloriosa, ou tendo a mesma natureza divina com o Pai, com todas as glórias infinitas e indizíveis dele,

thought it no robbery to be equal with God; the Father; for if he was in the same form, nature, and essence, he must be equal to him, as he is; for he has the same perfections, as eternity, omniscience, omnipotence, omnipresence, immutability, and self-existence: hence he has the same glorious

names, as God, the mighty God, the true God, the living God, God over all, Jehovah, the Lord of glory, &c. the same works of creation and providence are ascribed to him, and the same worship, homage, and honour given him: to be "in the form of God", and to be "equal with God", signify the same thing, the one is explanative of the other: and this divine form and equality, or true and proper deity, he did not obtain by force and rapine, by robbery and usurpation, as Satan attempted to do, and as Adam by his instigation also affected; and so the mind of a wicked man, as

the mind of a wicked man, as Philo the Jew says (i), being a lover of itself and impious, , "thinks itself to be equal with God", a like phrase with this here used; but Christ enjoyed this equality by nature; he thought, he accounted, he knew he had it this way; and he held it hereby, and of right, and not by any unlawful means; and he reckoned that by declaring and showing forth his proper deity, and perfect equality with the Father, he robbed him of no perfection; the same being in him as in the Father, and the same in the Father as in him; that he did him no injury, nor

deprived him of any glory, or assumed that to himself which did not belong to him: as for the sense which some put upon the words, that he did not "affect", or "greedily catch" at deity; as the phrase will not admit of it, so it is not true in fact; he did affect deity, and asserted it strongly, and took every proper opportunity of declaring it, and in express terms affirmed he was the Son of God; and in terms easy to be understood declared his proper deity, and his unity and equality with the Father; required the same faith in himself as in the Father, and

signified that he that saw the one, saw the other, Mark 14:61 John 5:17 . Others give this as the sense of them, that he did not in an ostentatious way show forth the glory of his divine nature, but rather hid it; it is true, indeed, that Christ did not seek, but carefully shunned vain glory and popular applause; and therefore often after having wrought a miracle, would charge the persons on whom it was wrought, or the company, or his disciples, not to speak of it; this he did at certain times, and for certain reasons; yet at other times we find, that he

wrought miracles to manifest forth his glory, and frequently appeals to them as proofs of his deity and Messiahship: and besides, the apostle is speaking not of what he was, or did in his incarnate state, but of what he was and thought himself to be, before he became man; wherefore the above sense is to be preferred as the genuine one,

(g) Socraticus, Xenophon, & Aristo Chius, apud Minuc. Felic. Octav. p. 20. & Hostanes apud Caecil. Cyprian. de Idol. van. p. 46. (h) Laertii proem. ad Vit. Philosoph. p. 7. (i) Leg. Alleg. l. 1.

p. 48, 49.

Geneva Study Bible

Who, being in the {d} form of God, {e} thought it not robbery to be {f} equal with God:

(d) Such as God himself is, and therefore God, for there is no one in all parts equal to God but God himself.

(e) Christ, that glorious and everlasting God, knew that he might rightfully and lawfully not appear in the base flesh of man, but remain with majesty fit for God: yet he chose rather to

debase himself.

(f) If the Son is equal with the Father, then is there of necessity an equality, which Arrius that heretic denies: and if the Son is compared to the Father, then is there a distinction of persons, which Sabellius that heretic denies.

EXEGÉTICO (LÍNGUAS ORIGINAIS)

Comentário de Meyer sobre o NT

Php 2:6 . The classical passage which now follows is like an *Epos* in calm majestic objectivity; nor

does it lack an epic minuteness of detail.

ὅς] epexegetical; subject of what follows; consequently Christ Jesus, but in *the pre-human state* , in which He, the Son of God, and therefore according to the Johannine expression as the **λόγος ἄσαρκος** , was with God.[92] The *human* state is first introduced by the words **ἑαυτὸν ἐκένωσε** in Php 2:7 . So Chrysostom and his successors, Beza, Zanchius, Vatablus, Castalio, Estius, Clarius, Calixtus, Semler, Storr, Keil, Usteri, Kraussold, Hoelemann, Rilliet, Corn. Müller,

Hoelemann, Rilliet, Corn. Müller, and most expositors, including Lünemann, Tholuck, Liebner, Wiesinger, Ernesti, Thomasius, Raebiger, Ewald, Weiss, Kahnis, Beyschlag (1860), Schmid, *Bibl. Theol* . II p. 306, Messner, *Lehre d. Ap* . 233 f., Lechler, Gess, *Person Chr* . p. 80 f., Rich. Schmidt, *lc* ., JB Lightfoot, Grimm; comp. also Hofmann and Düsterdieck, *Apolog. Beitr* . III p. 65 ff. It has been objected (see especially de Wette and Philippi, also Beyschlag, 1866, and Dorner in *Jahrb. f. D. Th* . 1856, p. 394 f.), that the name *Christ Jesus* is opposed to this view; also, that in Php 2:8-11 it is

the exaltation of the *earthly* Christ that is spoken of (and not the return of the Logos to the divine δόξα); and that the *earthly* Christ only could be held up as a *pattern* . But Χριστὸς Ἰησοῦς , as subject, is all the more justly used (comp. 2 Corinthians 8:9 ; 1 Corinthians 8:6 ; Colossians 1:14 ff.; 1 Corinthians 10:4), since the subject not of the pre-human glory *alone* , but at the same time also of the human abasement[93] and of the subsequent exaltation, was to be named. Paul joins on to ὅς the *whole summary* of the history of our Lord, including His

pre-human state (comp. 2 Corinthians 8:9 : **ἐπτώχευσε πλούσιος ὤν**); therefore Php 2:8-11 cannot by themselves regulate our view as regards the definition of the subject; and the force of the *example* , which certainly *comes first to light* in the historical Christ, has at once historically and ethically its deepest root in, and derives its highest, because divine (comp. Matthew 5:48 ; Ephesians 5:1), obligation from, just what is said in Php 2:6 of His state *before* His human appearance. Moreover, as the context introduces the incarnation only at Php 2:7 , and

introduces it as that by which the subject divested Himself of His divine appearance, and as the earthly Jesus never was in the form of God (comp. Gess, p. 295), it is incorrect, because at variance with the text and illogical, though in harmony with Lutheran orthodoxy and its antagonism to the Kenosis of the Logos,[94] to regard the *incarnate historical* Christ, the **λόγος ἔνσαρκος** , as the subject meant by **ὅς** (Novatian, *de Trin* . 17, Ambrosiaster, Pelagius, Erasmus, Luther, Calvin, Cameron, Piscator, Hunnius, Grotius, Calovius, Clericus,

Bengel, Zachariae, Kesler, and others, including Heinrichs, Baumgarten-Crusius, van Hengel, de Wette, Schneckenburger, Philippi, Beyschlag (1866), Dorner, and others; see the historical details in Tholuck, p. 2 ff., and JB Lightfoot). Liebner aptly observes that our passage is " *the Pauline* **ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο** ;" comp. on Colossians 1:15 .

ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχων] not to be resolved, as usually, into " *although* , etc.," which could only be done in accordance with the context, if the **ἁρπαγμὸν ἡγεῖσθαι κ . τ . λ .** could be presupposed

as something proper or natural to the being in the form of God; nor does it indicate the *possibility* of His divesting Himself of His divine appearance (Hofmann), which was self-evident; but it simply *narrates* the former divinely glorious position which He afterwards gave up: *when He found Himself in the form of God* , by which is characterized Christ's pre-human form of existence. Then He was forsooth, and that objectively, not merely in God's self-consciousness—as the not yet incarnate Son (Romans 1:3-4 ;

Romans 8:3 ; Galatians 4:4), according to John as **λόγος** —with God, in the fellowship of the glory of God (comp. John 17:5). It is this divine glory, in which He found Himself as **ἴσα Θεῷ ὤν** and also **εἰκὼν Θεοῦ** —as such also the instrument and aim of the creation of the world, Colossians 1:15 f.—and into which, by means of His exaltation, He again returned; so that this divine **δόξα** , as the possessor of which before the incarnation He had, without a body and invisible to the eye of man (comp. Philo, *de Somn* . I. p. 655), the form of God, is now by

means of His glorified body and His divine-human perfection visibly possessed by Him, that He may *appear* at the **παρουσία** , not again without it, but in and with it (Php 3:20 f.). Comp. 2 Corinthians 4:4 ; Colossians 1:15 ; Colossians 3:4 . **Μορφή** , therefore, which is an appropriate concrete expression for the divine **δόξα** (comp. Justin, *Apol* . I. 9), as the glory visible at the throne of God, and not a "fanciful expression" (Ernesti), is neither equivalent to **φύσις** or **οὐσία** (Chrysostom, Theodoret, Oecumenius, Theophylact, Augustine, Chemnitz, and many others; comp. also Rheinwald

others; comp. also Rheinwald and Corn. Müller); nor to *status* (Calovius, Storr, and others); nor is it the godlike *capacity* for *possible equality with God* (Beyschlag), an interpretation which ought to have been precluded both by the literal notion of the word **μορφή** , and by the contrast of **μορφὴ δούλου** in Php 2:7 . But the **μορφὴ Θεοῦ** presupposes[95] the divine **φύσις** as **ὁμόστολος μορφῆς** (Aesch. *Suppl* . 496), and *more precisely* defines the divine status, namely, as *form of being* , corresponding to the essence, consequently to the homoousia, and *exhibiting* the condition so

and *exhibiting* the condition, so that **μορφὴ Θεοῦ** finds its exhaustive explanation in Hebrews 1:3 : **ἀπαύγασμα τῆς δόξης κ . χαρακτὴρ τῆς ὑποστάσεως τοῦ Θεοῦ** , this, however, being here conceived as predicated of the *pre-existent* Christ. In Plat. *Rep* . ii. p. 381 C, **μορφή** is also to be taken strictly in its literal signification, and not less so in Eur. *Bacch* . 54; Ael. *H. A* . iii. 24; Jos. *c. Ap* . ii. 16, 22. Comp. also Eur. *Bacch* . 4 : **μορφὴν ἀμείψας ἐκ θεοῦ βροτησίαν** , Xen. *Cyr* . Eu. 2. 2 : **φύσιν μὲν δὴ τῆς ψυχῆς κ . τῆς μορφῆς** . What is here called **μορφὴ Θεοῦ** is **εἶδος Θεοῦ** in John

μορφὴ Θεοῦ is **εἶδος Θεοῦ** in John 5:37 (comp. Plat. *Rep* . p. 380 D; Plut. *Mor* . p. 1013 C), which the Son also essentially possessed in His pre-human **δόξα** (John 17:5). The explanation of **φύσις** was promoted among the Fathers by the opposition to Arius and a number of other heretics, as Chrysostom adduces them in triumph; hence, also, there is much polemical matter in them. For the later controversy with the Socinians, see Calovius.

ὑπάρχων] designating more expressly than **ὤν** the relation of the *subsisting state* (Php 3:20 ; Luke 7:25 ; Luke 16:23 ; 2 Peter

3:11); and hence not at all merely *in the decree of God* , or in the divine *self-consciousness* (Schenkel). The *time* is that of the *pre-human* existence. See above on ὅς . Those who understand it as referring to His *human* existence (comp. John 1:14) think of the divine majesty, which Jesus manifested both *by word and deed* (Ambrosiaster, Luther, Erasmus, Heinrichs, Krause, *Opusc* . p. 33, and others), especially by His *miracles* (Grotius, Clericus); while Wetstein and Michaelis even suggest that the *transfiguration on the mount* is intended. It

would be more in harmony with the context to understand the possession of the complete divine image (without arbitrarily limiting this, by preference possibly, to the *moral* attributes alone, as de Wette and Schneckenburger do)—a possession which Jesus ("as the God-pervaded man," Philippi) had (*potentialiter*) *from the* very *beginning* of His earthly life, but in a *latent* manner, without manifesting it. This view, however, would land them in difficulty with regard to the following ἑαυτ . ἐκένωσε κ . τ . λ ., and expose them to the risk of inserting limiting clauses at

inserting limiting clauses at variance with the literal import of the passage; see below.

οὐχ ἁρπαγμὸν ἡγήσατο τὸ εἶναι ἴσα Θεῷ] In order to the right explanation, it is to be observed: (1) that the emphasis is placed on **ἁρπαγμόν** , and therefore (2) that **τὸ εἶναι ἴσα Θεῷ** cannot be something essentially different from **ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχειν** , but must in substance denote the same thing, namely, the divine *habitus* of Christ, which is expressed, as to its *form of appearance* , by **ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχ** ., and, as to its internal *nature* , by **τὸ εἶναι ἴσα Θεῷ** ;[96]

(3) lastly, that ἁρπαγμός does not mean *praeda* , or *that which is seized on* (which would be ἁρπάγιμον , Callim. *Cer* . 9; Pallad, *ep* . 87; Philop. 79; or ἅρπαγμα or ἅρπασμα , and might also be ἁρπαγή), or *that which one forcibly snatches to himself* (Hofmann and older expositors); but actively: *robbing, making booty* . In this sense, which is *à priori* probable from the termination of the word which usually serves to indicate an *action* , it is used, beyond doubt, in the only profane passage in which it is extant, Plut. *de pueror. educ* . 15 (*Mor* . p. 12 A): καὶ τοὺς

μὲν Θήβῃσι καὶ τοὺς Ἠλίδι φευκτέον ἔρωτας καὶ τὸν ἐκ Κρήτης καλούμενον ἁρπαγμόν , where it denotes the Cretan kidnapping of children. It is accordingly to be explained: *Not as a robbing did He consider* [97] *the being equal with God, ie* . He did not place it under the point of view of making booty, as if it was, with respect to its exertion of activity, to consist *in His seizing what did not belong to Him* . In opposition to Hofmann's earlier logical objection (*Schriftbew* . I. p. 149) that one cannot consider the *being* as a *doing* , comp. 1

Timothy 6:5 ; and see Hofmann himself, who has now recognised the linguistically correct explanation of **ἁρπαγμός** , but leaves the object of the *ἉΡΠΆΖΕΙΝ* indefinite, though the latter must necessarily be something that belongs to *others* , consequently a *foreign* possession. Not otherwise than in the active sense, namely *raptus* , can we explain Cyril, *de adorat* . I. p. 25 (in Wetstein): **οὐχ ἁρπαγμὸν** [98] **τὴν παραίτησιν ὡς ἔξ ἀδρανοῦς καὶ ὑδαρεστέρας ἐποιεῖτο φρενός** ; further, Eus. *in Luc* . vi. in Mai's *Nov. Bibl. patr* . iv. p. 165, and the passage in

Possini *Cat. in Marc* . x. 42, p. 233, from the Anonym. Tolos.: **ὅτι οὐκ ἔστιν ἁρπαγμὸς ἡ τιμή** ; [99] as also the entirely synonymous form **ἁρπασμός** in Plut. *Mor* . p. 644 A, and **ληϊσμος** in Byzantine writers; also ***ΣΚΥΛΕΥΜΌς*** in Eustathius; comp. Phryn. *App* . 36, where **ἁρπαγμός** is quoted as equivalent to ***ἍΡΠΑΣΙς*** . The passages which are adduced for ***ἍΡΠΑΓΜΑ ἩΓΕῖΣΘΑΙ*** or ***ΠΟΙΕῖΣΘΑΊ ΤΙ*** (Heliod. vii. 11. 20, viii. 7; Eus. *H. E* . viii. 12; *Vit. C* . 2:31)—comp. the Latin *praedam ducere* (Cic. *Verr* . v. 15; Justin, ii. 5. 9, xiii. 1. 8)—do not fall under the same mode of conception as they

mode of conception, as they represent the relation in question as something *made a booty of* , and not as the *Acts of making booty* . We have still to notice (1) that this **οὐχ ἁρπαγμὸν ἡγήσατο** corresponds exactly to ***ΜῊ ΤᾺ ἙΑΥΤῶΝ ΣΚΟΠΟῦΝΤΕς*** (Php 2:4), as well as to its contrast ***ἙΑΥΤῸΝ ἘΚΈΝΩΣΕ*** in Php 2:7 (see on Php 2:7); and (2) that the *aorist* **ἡγήσατο** , indicating a definite point of time, undoubtedly, according to the connection (see the contrast, ***ἈΛΛ' ἙΑΥΤῸΝ ἘΚΈΝΩΣΕ Κ*** **. Τ . Λ .**), transports the reader to *that moment, when the pre-existing*

Christ was on the point of coming into the world with the being equal to God . Had He then thought: “When I shall have come into the world, I will seize to myself, by means of my equality with God, power and dominion, riches, pleasure, worldly glory,” then He would have acted the part of **ἁρπαγμὸν ἡγεῖσθαι τὸ εἶναι ἴσα Θεῷ** ; to which, however, He did not consent, but consented, on the contrary, to self-renunciation, etc. It is accordingly self-evident that the supposed case of the ***ἉΡΠΑΓΜΌς*** is not conceived as an action of the pre-existing Christ (as Richard Schmidt

Christ (as Richard Schmidt objects), but is put as connecting itself with His appearance on earth. The *reflection* , of which the pre-existent Christ is, according to our passage, represented as capable, even in presence of the will of God (see below, **γενόμ** . **ὑπήκοος**), although the apostle has only conceived it as an abstract possibility and expressed it in an anthropopathic mode of presentation, is decisive in favour of the *personal* pre-existence; but in this pre-existence the Son appears as *subordinate* to the Father, as He

does throughout the entire New Testament, although this is not (as Beyschlag objects) at variance with the Trinitarian equality of essence in the Biblical sense. By the ἁρπαγμὸν ἡγεῖσθαι κ . τ . λ ., if it had taken place, He would have wished to *relieve* Himself from this subordination.

The linguistic correctness and exact apposite correlation of the whole of this explanation, which harmonizes with 2 Corinthians 8:9 ,[100] completely exclude the interpretation, which is traditional but in a linguistic

point of view is quite incapable of proof, that *ἉΡΠΑΓΜΌς* , either in itself or by metonymy (in which van Hengel again appeals quite inappropriately to the analogy of Jam 1:2 , 2 Peter 3:15), means *praeda* or *res rapienda* . With this interpretation of **ἁρπαγμός** , the idea of *ΕἾΝΑΙ ἼΣΑ ΘΕῷ* has either been rightly taken as practically *identical* with **ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχειν** , or *not* . (A) In the *former* case, the point of comparison of the figurative *praeda* has been very differently defined: *either* , that Christ regarded the existence equal with God, not as a something usurped and illegitimate, but as

usurped and illegitimate, but as something *natural* to Him, and that, therefore, He did not fear to lose it through His humiliation (Chrysostom, Oecumenius, Theophylact, Augustine, and other Fathers; see Wetstein and JB Lightfoot); comp. Beza, Calvin, Estius, and others, who, however, give to the conception a different turn; [101] *or* , that He did not desire *pertinaciously to retain for Himself* this equality with God, as a robber his booty, or as an unexpected gain (Ambrosiaster, Castalio, Vatablus, Kesler, and others; and recently, Hoelemann, Tholuck, Reuss,

Liebner, Schmid, Wiesinger, Gess, Messner, Grimm; comp. also Usteri, p. 314);[102] *or* , that He did not *conceal it* , as a prey (Matthies); *or* , that He did not desire *to display it triumphantly* , as a conqueror his spoils (Luther, Erasmus, Cameron, Vatablus, Piscator, Grotius, Calovius, Quenstedt, Wolf, and many others, including Michaelis, Zachariae, Rosenmüller, Heinrichs, Flatt, Rheinwald);[103] whilst others (Wetstein the most strangely, but also Usteri and several) *mix up* very *various* points of comparison. The very

circumstance, however, that there exists so much divergence in these attempts at explanation, shows how arbitrarily men have endeavoured to supply a *modal definition* for **ἁρπ . ἡγήσ .**, which is not at all suggested by the text.—(B) In the *second* case, in which a *distinction is made* between **τὸ εἶναι ἴσα Θεῷ** and **ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχειν** , it is explained: *non rapinam duxit* , ie *non rapiendum sibi duxit* , or directly, *non rapuit* (Musculus, Er. Schmidt, Elsner, Clericus, Bengel, and many others, including am Ende, Martini,

Krause, *Opusc* . p. 31, Schrader, Stein, Rilliet, van Hengel, Baumgarten-Crusius, de Wette, Ernesti, Raebiger, Schneckenburger, Ewald, Weiss, Schenkel, Philippi, Thomasius, Beyschlag, Kahnis, Rich. Schmidt, and others); that Christ, namely, though being **ἐν μορφῇ Θεοῦ** , did not desire to seize to Himself the **εἶναι ἴσα Θεῷ** , to grasp eagerly the possession of it.[104] In this view expositors have understood the **ἴσα εἶναι Θεῷ** as the divine *plenitudinem et altitudinem* (Bengel); the *sessionem ad dextram* (L. Bos);

the divine *honour* (Cocceius, Stein, de Wette, Grau); the *vitam vitae Dei aequalem* (van Hengel); the *existendi modum cum Deo aequalem* (Lünemann); the *coli et beate vivere ut Deus* (Krause); the *dominion on earth as a visible God* (Ewald); the divine *autonomy* (Ernesti); the *heavenly dignity and glory* entered on after the ascension (Raebiger, comp. Thomasius, Philippi, Beyschlag, Weiss), corresponding to the **ὄνομα τὸ ὑπὲρ πᾶν ὄνομα** in Php 2:9 (Rich. Schmidt); the *nova jura divina* , *consisting in the* **κυριότης πάντων** (Brückner); the divine **δόξα** of universal *adoration*

universal *adoration* (Schneckenburger, Lechler, comp. Messner); the *original blessedness of the Father* (Kahnis); indeed, even the *identity* with the Father consisting in *invisibility* (Rilliet), and the like, which is to sustain to the μορφὴ Θεοῦ the relation of a *plus* , or *something separable* , or only to be obtained *at some future time* by humiliation and suffering[105] (Php 2:9). So, also, Sabatier, *l' apôtre Paul* , 1870, p. 223 ff.[106] In order to meet the ***ΟὐΧ ἈΡΠ*** . **ἩΓ** . (comparing Matthew 4:8 ff.), de Wette (comp. Hofmann, *Schriftbew* . p. 151) makes the

Schriftbew . p. 151) makes the thought be supplied, that it was not in the aim of the work of redemption befitting that Christ should at the very outset receive divine honour, and that, if He *had taken* it to Himself, it would have been a *seizure* , an usurpation. But as **ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπ** . already involves the divine essence,[107] and as **ἴσα εἶναι Θεῷ** has no distinctive more special definition in any manner climactic (comp. Pfleiderer), Chrysostom has estimated this whole mode of explanation very justly: **εἰ ἦν Θεός** , **πῶς εἶχεν ἁρπάσαι** ; **καὶ πῶς οὐκ ἀπερινόητον τοῦτο** ; **τίς γὰρ ἂν**

ἀπερινόητον τοῦτο ; τίς γὰρ ἂν εἴποι , ὅτι ὁ δεῖνα ἄνθρωπος ὢν οὐχ ἥρπασε τὸ εἶναι ἄνθρωπος ; πῶς γὰρ ἄν τις ὅπερ ἐστὶν , ἁρπάσειεν . Moreover, in harmony with the thought and the state of the case, Paul must have expressed himself conversely: ὃς ἴσα Θεῷ ὑπάρχων οὐχ ἁρπ . ἡγ . τὸ εἶναι ἐν μορφῇ Θεοῦ , so as to add to the idea of the equality of *nature* (ἴσα), by way of climax, that of the same *form of appearance* (μορφή), of the divine δόξα also.

With respect to τὸ εἶναι ἴσα Θεῷ , it is to be observed, (1) that ἴσα is *adverbial: in like manner* , as

we find it, although less frequently, in Attic writers (Thuc. iii. 14; Eur. *Or* . 880 *al.;* comp. ὁμοῖα , Lennep. *ad Phalar* . 108), and often in the later Greek, and in the LXX. (Job 5:14 ; Job 10:10

Testamento Grego do Expositor

Php 2:6-11 . In the discussion of this *crux interpretum* it is impossible, within our limits, to do more than give a brief outline of the chief legitimate interpretations, laying special emphasis on that which we prefer and giving our reasons. As regards literature, a good

account of the older exegesis is given by Tholuck, *Disputatio Christologica* , pp. 2–10. Franke (in Meyer5) gives a very full list of modern discussions. In addition to commentaries and the various works on Biblical Theology, the following discussions are specially important: Räbiger, *De Christologia Paulina* , pp. 76–85; R. Schmidt, *Paulinische Christologie* , p. 163 ff.; W. Grimm, *Zw. Th* [97], xvi., 1, p. 33 ff.; Hilgenfeld, *ibid.* , xxvii., 4, p. 498 ff.; W. Weiffenbach, *Zur Auslegung d. Stelle Phil.* , ii. 5–11 (Karlsruhe, 1884); EH Gifford,

Expositor , v., vol. 4, p. 161 ff., 241 ff. [since published separately]; Somerville, *St. Paul's Conception of Christ* , p. 188 ff. It may be useful to note certain cautions which must be observed if the Apostle's thought is to be truly grasped. (*a*) This is not a discussion in technical theology. Paul does not speculate on the great problems of the nature of Christ. The elaborate theories reared on this passage and designated “kenotic” would probably have surprised the Apostle. Paul is dealing with a question of practical ethics, the marvellous condescension and

condescension and unselfishness of Christ, and he brings into view the several stages in this process as facts of history either presented to men's experience or else inferred from it. [At the same time, as J. Weiss notes (*Th. LZ* [98], 1899, col. 263), the careful rhetorical structure of the passage (two strophes of four lines) shows that the thought has been patiently elaborated.] (*b*) It is beside the mark to apply the canons of philosophic terminology to the Apostle's language. Much trouble would be saved if interpreters instead of minutely investigating the

refinements of Greek metaphysics, on the assumption that they are present here, were to ask themselves, “What other terms could the Apostle have used to express his conceptions?” (*c*) It is futile to attempt to make Paul's thought in this passage fit in with any definite and systematic scheme of Christology such as the “Heavenly Man,” etc. This only hampers interpretation.

[97] *Zeitschr. f. wissenschaftl. Theologie* .

[98] *Theologische Literaturzeitung* .

6 . *Who*] in His pre-existent glory. We have in this passage a NT counterpart to the OT revelation of Messiah's "coming to do the will of His God" (Psalm 40:6-8 , interpreted Hebrews 10:5).

being] The Greek word slightly indicates that He not only " *was* ," but " *already was* ," in a state antecedent to and independent of the action to be described. RV margin has "Gr. *originally being* "; but the American Revisers dissent

dissent.

in the form of God] The word rendered " *form* " is *morphê* . This word, unlike our "form" in its popular meaning, connotes *reality along with appearance* , or in other words denotes an appearance which is *manifestation* . It thus differs from the word (*schêma*) rendered " *fashion* " in Php 2:8 below; where see note. See notes on Romans 12:2 in this Series for further remarks on the difference between the two words; e cp. for full discussions, Abp Trench's *Synonyms* , under μορφή, and Bp Lightfoot's

Philippians , detached note to ch. 2)

Here then our Redeeming Lord is revealed as so subsisting "in the form of God" that He was what He seemed, and seemed what He was—God. (See further, the next note below, and on Php 2:7 .) "Though [*morphê*] is not the same as [*ousia, essence*], yet the possession of the [*morphê*] involves participation in the [*ousia*] also, for [*morphê*] implies not the external accidents [only?] but the essential attributes" (Lightfoot).

thought] The glorious Person is viewed as (speaking in the forms

viewed as (speaking in the forms of human conception) engaged in an act of reflection and resolve.

robbery] The Greek word occurs only here in the Greek Scriptures, and only once (in Plutarch, cent. 2) in secular Greek writers. Its form suggests the meaning of a *process* or *act* of grasp or seizure. But similar forms in actual usage are found to take readily the meaning of the *result* , or *material* , of an act or process. "An invader's or plunderer's *prize* " would thus fairly represent the word here. This interpretation is adopted

and justified by Bp Lightfoot here. RV reads " *a prize* ," and in the margin "Gr. *a thing to be grasped* ." Liddell and Scott render, " *a matter of robbery* ," which is substantially the same; Bp Ellicott, " *a thing to be seized on* , or *grasped at* ."—The context is the best interpreter of the practical bearing of the word. In that context it appears that the Lord's view of His Equality (see below) was *not* such as to *withstand* His gracious and mysterious Humiliation for our sakes, while yet the conditions of His Equality were such as to *enhance the wonder* and merit of

that Humiliation to the utmost. Accordingly the phrase before us, to suit the context, (*a*) *must not* imply that He deemed Equality an unlawful possession, a thing which it would be robbery to claim, as some expositors, ancient and modern, have in error explained the words (see Alford's note here, and St Chrysostom on this passage at large); (*b*) *must* imply that His thought about the Equality was one of supremely *exemplary kindness* towards us. These conditions are satisfied by the paraphrase—"He dealt with His true and rightful Equality not as a thing held anxiously and

as a thing held anxiously, and only for Himself, as the gains of force or fraud are held, but as a thing in regard of which a most gracious sacrifice and surrender was possible, for us and our salvation."

The AV, along with many interpreters, appears to understand the Greek word as nearly equal to " *usurpation* "; as if to say, "He knew it was His just and rightful possession to be equal with God, and yet" &c. But the context and the Greek phraseology are unfavourable to this.

to be equal with God] RV, **to be**

on an equality with God , a phrase which perhaps better conveys what the original words suggest, that the reference is to equality of *attributes* rather than *person* (Lightfoot). The glorious Personage in view is not another and independent God, of rival power and glory, but the Christ of God, as truly and fully Divine as the Father.

Let us remember that these words occur not in a polytheistic reverie, but in the Holy Scriptures, which everywhere are jealous for the prerogative of the Lord God, and that they come from the pen of a man

come from the pen of a man whose Pharisaic monotheism sympathized with this jealousy to the utmost. May it not then be asked, how—in any, way other than direct assertion, as in John 1:1 –the true and proper Deity of Christ could be more plainly stated?

The word “God” on the other hand is here used manifestly with a certain distinctiveness of the Father. Christian orthodoxy, collecting the whole Scripture evidence, sees in this a testimony not to the view (eg of Arius, cent. 4) that the Son is God only in a secondary and inferior sense, but that the

inferior sense, but that the Father is the eternal, true, and necessary Fountain of the eternal, true, and necessary Godhead of the Son.—For this use of the word God, see eg John 1:1 ; 2 Corinthians 13:14 ; Hebrews 1:9 ; Revelation 20:6 ; Revelation 22:1 .

Gnomen de Bengel

Php 2:6 . Ὃς) inasmuch as being one *who* .— ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχων , *subsisting in the form of God*) The name *God* , in this and the following clause, does not denote God the Father, but is put indefinitely. *The form of God* does not imply the *Deity* , or

God does not imply the *Deity* , or Divine nature itself, but something emanating from it; and yet again it does not denote *the being on an equality with God* , but something prior, viz. *the appearance* [outward manifestation] of God, *ie* the form shining forth from the very glory of the Invisible Deity, John 1:14 . The Divine nature had infinite beauty in itself, even without any creature contemplating that beauty. That beauty was the **μορφὴ Θεοῦ** , *form of God* , as in man beauty shines forth from the sound constitution and elegant symmetry of his body, whether

symmetry of his body, whether it has or has not any one to look at it. Man himself is seen by his *form;* so God and His glorious Majesty. This passage furnishes an excellent proof of the Divinity of Christ from this very fact; for as *the form of a servant* does not signify the human nature itself—for the form of a servant was not perpetual, but the human nature is to continue for ever—yet nevertheless it takes for granted the existence of the human nature: so the *form of God* is not the Divine nature, nor is the *being on an equality with God* the Divine nature; but yet He, who *was subsisting* in the

form of God, and who might have been on an *equality with God* , is God. Moreover the *form of God* is used rather than the *form of the Lord* , as presently after *on an equality with God:* because *God* is more an absolute word, *Lord* involves a relation to inferiors. The Son of God *subsisted* in that form of God from eternity: and when He came in the flesh He did not cease to be in that form, but rather, so far as the human nature is concerned, He began to *subsist* in it: and when He was in that form, by His own peculiar pre-eminence itself as Lord, it

was entirely in His power, even according to His human nature, so soon as He assumed it, to be *on an equality with God* , to adopt a mode of life and outward distinctions, which would correspond to His dignity, that He might be received and treated by all creatures as their Lord; but He acted differently.— **οὐχ ἁρπαγμὸν ἡγήσατο** , *He did not regard it a thing to be eagerly caught at as a prey*) *as a spoil* . Those, to whom any opportunity of sudden advantage is presented, are usually eager in other cases to fly upon it and quickly to lay hold of it, without

having any respect to others, and determinately to use and enjoy it. Hence **ἁρπαλέα** , with Eustathius, means, **τὰ πάνυ περισπούδαστα** , *the things which a man may with all eagerness snatch for his own use, and may claim as his own:* and the phrases occur, **ἅρπαγμα** , **ἁρπαγμὸν** , **ἕρμαιον** , **εὕρημα** , **νομίζειν** , **ποεῖσθαι** , **ἡγεῖσθαι** , **ἁρπάζειν** . E. Schmidius and G. Raphelius have collected examples from Heliodorus and Polybius. But Christ, though He might have been *on an equality with God* , did not snatch at it, did not regard it as spoil.[17] He

did not suddenly use that power; compare Psalm 69:5 ; Genesis 3:5 , etc. This *feeling* on His part is at the same time indicated by the verb **ἡγεῖσθαι** , *to regard, to treat it as* . It would not have been *robbery* (rapina), if He had used His own right; but He abstained from doing so, just as if it had been *robbery* . A similar phrase at 2 Corinthians 11:8 , where see the note, may be compared with it.— **τὸ εἶναι ἶσα Θεῷ**) **ἶσα** , the accusative used adverbially, as happens often in Job, *on an equality with* and in a manner suitable to God. *To be on an equality with God* , implies His *fulness* and

God , implies His *fullness* and *exaltation* , as is evident from the double antithesis, Php 2:7-8 , *He emptied and humbled Himself* . The article, without which **μορφὴν** is put, makes now an emphatic addition [Epitasis]. It is not therefore wonderful, that He never called Himself *God* , rather rarely *the Son of God* , generally the *Song of Solomon of man* .

[17] Many think rightly, from a passage of Plutarch, quoted by Wetstein, that **ἁρπαγμὸς** signifies the *act* by which anything is greedily seized, and the *desire* which leads to it; but that **ἁρπάγμα** , having a neuter

ending, indicates the *object* desired, the *thing* seized, the prey. Drusius, in Crit. SS, Lond., tries to show that **ἁρπαγμὸς** , as well as **ἁρπάγμα** , though both strictly signifying an *act, may* signify the thing which is the *object* of the act. Wahl renders **ἁρπαγμὸς** , “res cupidè arripienda et necessario usurpanda.” So Neander, “Conscious of Divinity, He did not *eagerly retain* equality with God for the mere exhibition of it, but emptied Himself of the outward attributes and glory of it.” The antithesis favours this view. However, there seems no very valid argument against

ἁρπαγμὸς being taken in the *strict* sense, as Engl. V., ' *thought* ' the being on an equality with God no act of ' *robbery* ,' or arrogation of what did not belong to Him. It is true the antithesis, as Olshausen argues, **ἀλλ' ἐκένωσεν** , may seem to suit better Wahl's rendering. But **ἁρπαγμὸς** , in the only passage where it occurs, Plut. de puer. educ., 120, means *raptus* or *actio rapiendi* , not *res rapta* . It is only by metonymy it can be made even *res rapienda* . As to the antithesis, **ἀλλ'** plainly means, *And yet:* Though having been in the form of God, etc., yet, etc.—ED.

ED.

Comentários do púlpito

Verse 6. - Who, being in the form of God . The word rendered "being" (ὑπάρχων) means, as RV in margin, being originally. It looks back to the time before the Incarnation, when the Word, the Λόγος ἄσαρκος , was with God (comp. John 8:58 ; John 17:5, 24). What does the word μορφή form, mean here? It occurs twice in this passage - Ver. 6, "form of God;" and Ver. 7, "form of a servant;" it is contrasted with σχῆμα fashion, in Ver. 8. In the Aristotelian philosophy (vide '

Aristotelian philosophy (**Vide** ' De Anima,' 2:1, 2) μορφή . is used almost in the sense of εἴδος , or τὸ τί ἥ ν εἶναι as that which makes a thing to be what it is, the sum of its essential attributes: it is the form, as the expression of those essential attributes, the permanent, constant form; not the fleeting, outward σχῆμα , or fashion. St. Paul seems to make a somewhat similar distinction between the two words. Thus in Romans 8:29 ; Galatians 4:19 ; 2 Corinthians 3:18 ; Philippians 2:10 , μορφή (or its derivatives) is used of the deep inner change of heart, the change which is described in

Holy Scripture as a new creation; while σχῆμα is used of the changeful fashion of the world and agreement with it (1 Corinthians 7:31 ; Romans 12:2). Then, when St. Paul tells us that Christ Jesus, being first in the form of God, took the form of a servant, the meaning must be that he possessed originally the essential attributes of Deity, and assumed in addition the essential attributes of humanity. He was perfect God; he became perfect (comp. Colossians 1:15 ; Hebrews 1:3 ; 2 Corinthians 4:4). For a fuller discussion of the meanings of μορφή and σχῆμα ,

see Bishop Lightfoot's detached note ('Philippians,' p. 127), and Archbishop Trench, 'Synonyms of the New Testament,' sect. 70. Thought it not robbery to be equal with God; RV "counted it not a prize [margin, 'a thing to be grasped'] to be on an equality with God." These two renderings represent two conflicting interpretations of this difficult passage. Do the words mean that Christ asserted his essential Godhead ("thought it not robbery to be equal with God," as AV), or that he did not cling to the glory of the Divine majesty ("counted it not a prize,"

as RV)? Both statements are true in fact. The grammatical form of the word ἁρπαγμός , which properly implies an action or process, favors the first view, which seems to be adopted by most of the ancient versions and by most of the Latin Fathers. On the other hand, the form of the word does not exclude the passive interpretation; many words of the same termination have a passive meaning, and ἁρπαγμός itself is used in the sense of ἅρπαγμα by Eusebius, Cyril of Alexandria, and a writer in the 'Catena Possini' on Mark 10:42 (the three passages are

quoted by Bishop Lightfoot, **in loco**). The Greek Fathers (as Chrysostom Ὁ τοῦ Θεοῦ υἱὸς οὐκ ἐφοβήθη καταβῆναι ἀπὸ τοῦ ἀξιώματος , etc.) generally adopt this interpretation. And the context seems to require it. The aorist ἡγήσατο points to an act, the act of abnegation; not to a state, the continued assertion. The conjunction "but" (ἀλλὰ) implies that the two sentences are opposed to one another. He did not grasp, but, on the contrary, he emptied himself. The first interpretation involves the tacit insertion of "nevertheless;" he asserted his equality, but nevertheless, etc.

And the whole stress is laid on the Lord's humility and unselfishness. It is true that this second interpretation does not so distinctly assert the divinity of our Lord, already sufficiently asserted in the first clause, "being in the form of God." But it implies it. Not to grasp at equality with God would not be an instance of humility, but merely the absence of mad impiety, in one who was not himself Divine. On the whole, then, we prefer the second interpretation. Though he was born the beginning in the form of God, he did not regard

equality with God as a thing to be grasped, a prize to be tenaciously retained. Not so good is the view of Meyer and others: "Jesus Christ, when he found himself in the heavenly mode of existence of Divine glory, did not permit himself the thought of using his equality with God for the purpose of seizing possessions and honor for himself on earth." The RV rendering of the last words of the clause," to be on an equality," is nearer to the Greek and better than the AV, "to be equal with God." Christ was equal with God (John 5:18 ; John

10:30). He did not cling to the outward manifestation of that equality. The adverbial form ἴσα implies the state or mode of equality rather than the equality itself.

Estudos da Palavra de Vincent

Being in the form of God (ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχων)

Being. Not the simple εἰναι to be, but stronger, denoting being which is from the beginning. See on James 2:15 . It has a backward look into an antecedent condition, which has

been protracted into the present. Here appropriate to the preincarnate being of Christ, to which the sentence refers. In itself it does not imply eternal, but only prior existence. Form (μορφή). We must here dismiss from our minds the idea of shape. The word is used in its philosophic sense, to denote that expression of being which carries in itself the distinctive nature and character of the being to whom it pertains, and is thus permanently identified with that nature and character. Thus it is distinguished from σχῆμα fashion, comprising that which appeals to the senses and

which appeals to the senses and which is changeable. Μορφή form is identified with the essence of a person or thing: σχῆμα fashion is an accident which may change without affecting the form. For the manner in which this difference is developed in the kindred verbs, see on Matthew 17:2 .

As applied here to God, the word is intended to describe that mode in which the essential being of God expresses itself. We have no word which can convey this meaning, nor is it possible for us to formulate the reality. Form inevitably carries

with it to us the idea of shape. It is conceivable that the essential personality of God may express itself in a mode apprehensible by the perception of pure spiritual intelligences; but the mode itself is neither apprehensible nor conceivable by human minds.

This mode of expression, this setting of the divine essence, is not identical with the essence itself, but is identified with it, as its natural and appropriate expression, answering to it in every particular. It is the perfect expression of a perfect essence. It is not something imposed

It is not something imposed from without, but something which proceeds from the very depth of the perfect being, and into which that being perfectly unfolds, as light from fire. To say, then, that Christ was in the form of God, is to say that He existed as essentially one with God. The expression of deity through human nature (Philippians 2:7) thus has its background in the expression of deity as deity in the eternal ages of God's being. Whatever the mode of this expression, it marked the being of Christ in the eternity before creation. As the form of God was identified

with the being of God, so Christ, being in the form of God, was identified with the being, nature, and personality of God.

This form, not being identical with the divine essence, but dependent upon it, and necessarily implying it, can be parted with or laid aside. Since Christ is one with God, and therefore pure being, absolute existence, He can exist without the form. This form of God Christ laid aside in His incarnation.

Thought it not robbery to be equal with God (οὐχ ἁρπαγμὸν

equal with God (οὐχ ἁρπαγμὸν ἡγήσατο τὸ εἶναι ἴσα Θεῷ)

Robbery is explained in three ways. 1. A robbing, the Acts 2 . The thing robbed, a piece of plunder. 3. A prize, a thing to be grasped. Here in the last sense.

Paul does not then say, as AV, that Christ did not think it robbery to be equal with God: for, 1, that fact goes without. saying in the previous expression, being in the form of God. 2. On this explanation the statement is very awkward. Christ, being in the form of God, did not think it robbery to be equal with God: but after which

equal with God; but, after which we should naturally expect, on the other hand, claimed and asserted equality: whereas the statement is: Christ was in the form of God and did not think it robbery to be equal with God, but (instead) emptied Himself. Christ held fast His assertion of divine dignity, but relinquished it. The antithesis is thus entirely destroyed.

Taking the word ἁρπαγμὸν (AV, robbery) to mean a highly prized possession, we understand Paul to say that Christ, being, before His incarnation, in the form of God, did not regard His divine

equality as a prize which was to be grasped at and retained at all hazards, but, on the contrary, laid aside the form of God, and took upon Himself the nature of man. The emphasis in the passage is upon Christ's humiliation. The fact of His equality with God is stated as a background, in order to throw the circumstances of His incarnation into stronger relief. Hence the peculiar form of Paul's statement Christ's great object was to identify Himself with humanity; not to appear to men as divine but as human. Had He come into the world

emphasizing His equality with God, the world would have been amazed, but not saved He did not grasp at this. The rather He counted humanity His prize, and so laid aside the conditions of His preexistent state, and became man.

Ligações

Filipenses 2: 6
Filipinos Interlinear 2: 6 Textos paralelos Filipenses 2: 6 NVI Filipenses 2: 6 NLT Filipenses 2: 6 ESV Filipenses 2: 6 NASB Filipenses 2: 6 KJV Filipenses 2: 6 Apps da Bíblia Filipenses 2: 6 Filipenses paralelos 2: 6 Biblia

Paralela Filipenses 2: 6 Bíblia Chinesa Filipenses 2: 6 Bíblia Francesa Filipenses 2: 6 Bíblia Alemã

Bible Hub